

## EDITORIAL

O descompasso entre o intenso e crescente interesse pela obra do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) e a dificuldade do acesso ao seu pensamento para além da superfície das figuras que ele mobiliza tem despertado um amplo debate sobre a recepção da sua obra – e é um tema que não escapou a ele próprio. Ele se ocupou imensamente com a reflexão sobre o leitor ideal para suas obras, ou “os ouvidos para a sua boca”.

Seja no prefácio de *Para a genealogia da moral*, no prólogo de *Assim falou Zaratustra* ou no prefácio de *Aurora*, para citar apenas alguns exemplos, o pensador se inquietava com o desafino entre a profundidade do que pretendia anunciar e a superficialidade dos ouvidos à sua volta. No prefácio de *Para a genealogia da moral* – obra escrita em grande medida em decorrência da incompreensão de sua obra anterior, *Além do bem e do mal* – Nietzsche chega a afirmar que não será dele a culpa de esse seu livro eventualmente ser incompreensível para alguém ou dissonante a muitos ouvidos, pois ele não apenas supõe no leitor o conhecimento e a vivência de suas obras anteriores como espera ainda o exercício da arte da interpretação de seus aforismos, os quais, em suas palavras, não são compreendidos ao serem apenas lidos. Dessa arte, todavia, faltam artistas, pois, diz ele no prefácio de *Para a genealogia da moral*, para ela é necessário algo “para o qual é imprescindível ser quase uma vaca, e não um ‘homem moderno’: o ruminar...”. “Somos amigos do lento”, diz Nietzsche no prefácio de *Aurora*, e

conclama: “*aprendam a ler-me bem*”<sup>1</sup>.

No Prólogo de seu *Assim falou Zaratustra* a incompreensão do anúncio do suprahumano e da prevalência da felicidade cínica do último homem, leva o personagem Zaratustra a se afastar da multidão e da praça pública. Ele teme, entretanto, mais que ser incompreendido, ser tornado um mestre. Ou melhor, teme, sobretudo, a incompreensão que leva à exaltação dele como um mestre. Não é outra a razão de seus versos jocosos, em outro contexto: “moro em minha própria casa, nada imitei de ninguém, e sempre ri de todo mestre que não riu de si também”.

Não é fácil, está claro, falar de Nietzsche, tanto pelas dificuldades de interpretação que sua obra engendra quanto pelas paixões que ela desperta, da adesão e o entusiasmo irrefletidos à repulsa desinformada. Não obstante, a beleza do estilo, a clareza das ideias iluminadoras, o diagnóstico acre, a crítica mordaz, o humor agudo, a imagem de uma excelência sem concessões, operam como permanentes elementos de sedução para refletir sobre a atualidade de seu rechaço à moral cristã, à estética racionalista, aos dualismos metafísicos alma/corpo e essência/aparência, ao moderno encurtamento da estatura humana...

Não há um tema aglutinador do presente volume, constituído em sua quase totalidade de diálogos com a obra de Nietzsche, mas talvez pudéssemos dizer que há uma divisa remota, inscrita no prefácio da obra *Aurora*, e que é o convite à lentidão e à leveza feito ao intérprete, e que é apenas aparentemente paradoxal: “não fui filólogo em vão, talvez o

---

1- Todas as traduções citadas são de Paulo César de Souza, com exceção de *Assim falou Zaratustra*, traduzido por Mário da Silva.

seja ainda, isto é, um professor da lenta leitura: – afinal, também escrevemos lentamente. Agora não faz parte apenas dos meus hábitos, é também de meu gosto – um gosto mal-doso, talvez? – nada mais escrever que não leve ao desespero todo tipo de gente que ‘tem pressa’”.

*Adriano Correia e Adriana Delbó*  
*Goiânia, UFG*